



REFLEXÕES AMOROSAS DE UMA EJA A PARTIR DE FREIRE: A PRÁXIS NO REPENSAR DA AÇÃO DOCENTE NAS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS.

Lucas Higinio de Morais¹

RESUMO: Este trabalho tem como estratégia refletir sobre a amorosidade proposta por Paulo Freire a partir da ação docente sobre a relação teoria e prática no trabalho com a Educação de Jovens e Adultos. Possui ênfase nas práticas docentes e nos valores propostos por Freire e Vigotski referindo-se a inserção da relação histórico-cultural no espaço escolar, contribuindo para o resgate da identidade do sujeito presente neste espaço. Para estruturar este texto, utiliza-se como metodologia um estudo de caso – relato de experiência – numa escola pública no município de Japeri, na baixada fluminense, relacionando esta prática com o trabalho teórico de Vigotski, Paulo Freire, entre outros. Em síntese às demandas levantadas, identificou-se que o professor é um mediador fulcral no desenvolvimento do público da EJA, tendo práticas voltadas para este público, ofertando conteúdos apropriados e metodologia de trabalho significativo como contribuição à formação dos estudantes, reconhecimento dos conceitos espontâneos e ações inseridas no cotidiano dos alunos além de revelar novas demandas, agregar sentido e significado à formação discente e valorizar os espaços de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Identidade; Mediação; Teoria histórico-cultural; Cotidiano.

INTRODUÇÃO

O trabalho tem por fundamento observar e compreender o significado das práticas docentes na Educação de Jovens e Adultos de tal forma que valorize e compreenda o significado da cultura e o reconhecimento dos valores trazidos pelos alunos. Em consequência disso, o conteúdo torna-se flexível, valoriza-se a relação professor-aluno e atribui-se aceção da relação entre teoria e prática, onde seu funcionamento e suas ações sejam interagidas entre os diversos saberes (multiculturalismo) provocando e despertando interesse, conhecimento e envolvimento da cultura local nas práticas e currículos locais.

¹ Estudante da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto Multidisciplinar; Nova Iguaçu; Rio de Janeiro.

Desde muitos anos, a Educação de Jovens e adultos é um espaço principalmente de/para troca de conhecimentos, experiências e aprendizado tornando o discente detentor da capacidade e domínio da leitura, matemática simples e a escrita e o preparo do cidadão a ser formado é o grande destaque desta incógnita. E o porquê deste ser questionado?

É verídico alegar que qualquer instituição, nível de instrução ou segmentação não se apropria do conhecimento de mundo trazido pelos alunos e tal fato é uma condição que gera insatisfação e discussão por muitos de nós professores que, há muito tempo questiona os motivos pelo qual a cultura do aluno não é valorizada e inserida no espaço escolar, pois:

Há professores que, por medo, ignorância ou arrogância, não conseguem ter um bom relacionamento com os alunos e deixam de lado a aprendizagem afetiva, colocando em prática somente a pedagogia tradicional na qual o aluno é visto como uma folha em branco pronta para ser preenchida pelo digníssimo professor "sabichão". Nesse método, não há trocas. Não há críticas. Não há crescimento. Há platéia. Há ouvintes. Há fã-clube. Contudo, não é esse tipo de relacionamento, unilateral, que desejamos para os nossos jovens. Não é dessa forma que se ajuda alguém a contestar, a ter o direito a não concordar com as coisas, ou até de concordar, criticamente, com o assunto apresentado. (MEHLECKE, 2010)

Estar refém das práticas curriculares ou oprimido pelas exigências do Estado não é condição, sequer motivo para segregar, desvalorizar ou se opor a traduzir ou reconhecer as diversas práticas e vivências de seus alunos e, de fato, não se constrói uma educação igualitária quando os estudantes também não são favorecidos ou incluídos nas práticas, métodos e teorias abordadas pela escola.

Aqui não se pode admitir tampouco desfavorecer o trabalho do outro, pois valorizar a cultura do aluno está para além de qualquer opressão ou condição, mas está no serviço, na atenção e indubitavelmente no diálogo de amorosidade para com os seus, proporcionando então momentos simples, únicos, que tende a garantir o desenvolvimento, o entendimento e a qualidade do processo de ensino-aprendizagem à ser valorizado. Ademais, digo isto, pois sempre tentamos encontrar o(s) culpado(s), caso haja, dessa problemática aqui discutida, fazendo com que nossas metodologias de ensino sejam totalmente desconfigurados em prol daquilo que a gestão escolar e demais instâncias deixam de cumprir.

É claro que, para que o multiculturalismo esteja presente ativamente na escola é necessário também entendermos como a escola está preparada para lidar com esta condição e para isto, a mesma deve estar voltada para um parâmetro essencial na construção, formação e identidade de todos que trabalham e estudam nesta comunidade: o Projeto Político Pedagógico. Notoriamente, sem esta base bem conservada, estudada, analisada e construída

por todos (gestão, pais, comunidade, alunos), não se constrói esta educação para todos, favorecendo as demandas ofertadas pelos alunos.

Todos estes fatores são situações cotidianas expostas em sala de aula e na vida dos professores. E neste objeto de estudo, a Professora foi para além da sala de aula, objetivando as propostas do Projeto Político Pedagógico ou qualquer documento do Ministério da Educação, fazendo também que seus alunos pudessem resgatar suas memórias, construir e (re)construir sua própria história e enriquecer o conhecimento e a formação de valores e conceitos, a fim de também propor e cumprir com o estabelecido pela Constituição Federal, no Art. 205, onde a educação tem por atribuição: visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (fato que também foi contextualizado dentro da vivência destes alunos).

Parte do discurso de valor e reconhecimento do alunado, parte do princípio de haver um professor conectado e sábio daquilo que faz, sobretudo um docente carregado de formação e vivências culturais. Desta forma, é imprescindível do professor experimentar aquilo que ele deseja para seus alunos, ou melhor, ser dotado de práticas e teorias para, unicamente, serem aplicadas aos estudantes, reconhecendo-o como atores sociais e representantes da sociedade que contribuíram para a formação de muitos que aqui estão atualmente.

Neste mesmo contexto, deve-se reconhecer a imagem do aluno não como receptor do conhecimento. Não se pode, numa sociedade contemporânea, alienar os alunos aos conteúdos propostos sem valorizar ou incluir a bagagem que o aluno traz consigo. Ou seja,

A experiência de vida e as tradições culturais do aluno são ricos materiais para a elaboração dos programas. O trabalho essencial do professor é entender a experiência dos alunos, com seus aspectos afetivos, desejos existenciais, hábitos de pensamento, costumes e valores, e atuar a partir dessa sua compreensão. (MEC, 2004, p. 179).

Ou nas palavras de Paulo Freire:

[...] o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é ‘encher’ os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e me cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que deveria ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação, assim, melhor seria dizê-la. (FREIRE, 1996, p.65).

O homem deve se apropriar de sua condição de vida, ou seja, ser detentor e transmissor de sua realidade. Mas, torna-se, evidentemente necessário, as transformações sociais que são impostas no interior das escolas. É necessário tornar o indivíduo autônomo, explorador do seu próprio conhecimento, fato este que é esquecido pela escola, onde são aplicados conteúdos sobre conteúdos, sem haver ressignificação, inovação e sentido para a vida cotidiana do alunado.

Nos estudos acima abordados, é evidente que o aprendizado foi garantido (por parte de alunos e professores). Pelo fato dos mesmos ainda me encontrar nas ruas do município e atribuir valor e significado pelos estudos ocorridos há mais de um ano. Fato este que revela a importância e o significado desta valorização (da cultura) para os alunos, tornando-os integrantes deste espaço escolar e reconhecendo-o como parte do espaço e também como transmissor, indivíduo de diálogo e reproduzidor das ações, não com os efeitos tradicionais, mas com características autônomas e valorativas.

OBJETIVOS

Este trabalho tem por objetivo (re)inserir e (re)conhecer o sujeito da Educação de Jovens e Adultos como construtor de seu conhecimento, mediado pela ação docente que refletirá sobre a relação teoria e prática no espaço escolar, fundamentado e experimentado por situações estruturadas e vivenciadas.

METODOLOGIA

Como proposta de metodologia, o professor orientou para que todos os alunos reconhecessem seu valor histórico e trouxesse algo que representasse sua cultura (culinária, arte, dança, música, cartazes literatura, entre outros). Por se tratar de um relato de experiência, valorizou-se a relação professor e aluno bem como o repensar e a conquista da valorização da cultura trazida pelos sujeitos além de associar teoria e conceitos de Vigotski e Paulo Freire nestas discussões contribuindo para o enriquecimento da análise da práxis docente.

Em decorrência das dificuldades obtidas, a professora da classe de Educação de Jovens e Adultos, propôs a Escola uma semana destinada às atividades multiculturais, diversificando o currículo e a organização das aulas semanais. De início, a professora não

sabia dos prós e contras que tal evento poderia ocorrer. Além disso, o projeto foi aceito pelos alunos, e os mesmos contribuíram positivamente para a concretização deste projeto.

Na semana anterior ao projeto, a professora questionou aos alunos, onde estava ou onde a cultura deles estavam inseridas. A partir deste propósito e deste questionamento, os alunos expuseram suas ideias, e com grande euforia escreveram diversos assuntos e diversas vontades, manifestando seus interesses e contribuindo para a exposição cultural.

Como parte desta formação, cada aluno ficou incumbido de levar qualquer material que pudesse reconhecer a sua cultura e integrá-lo a formação dos demais. Destacam-se a presença de objetos valiosos culturalmente, como: máquina de costura, telefone, televisão. Orientações de como lavar roupa, crochê, tricot e alimentos produzidos no século XX também foram apresentados.

Neste mesmo contexto de organização, todos os alunos fizeram cartazes com as suas próprias fotografias, objetivando e concretizando a formação cultural do alunado e despertando a curiosidade e instigando os alunos a pesquisarem mais de si mesmos. Fato este que também era a proposta do projeto, ou seja, de reconhecer, inserir e despertar nesta clientela, sua formação histórico-sócio-cultural.

Cabe também ressaltar que, não houve nenhuma avaliação ou registro de notas. A professora ressaltou a importância do projeto não como imposição, mas como transformação e enriquecimento do ser aluno. E concluiu que para isto, não existe nota que possa avaliá-los.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como produto deste trabalho, é notório compreender e visualizar que os atores sociais estavam inseridos nas práticas de ensino e aprendizagem. Leva-se em consideração que a partir de suas vivências e no seu empenho, certamente o trabalho pedagógico foi evidenciado e a partir desta evidência, fora compreendido que espaços escolares são ricos, produtores culturais e formadores de conceitos, além de valorizador do meio no qual estão inseridos. Além disso, ambos os atores sociais (professor e aluno) tornaram-se parte do ambiente e da relação harmônica que vivem. O projeto quebrou paradigmas e reconheceu o papel do professor e da compreensão no que diz respeito a promoção de valores culturais.

Pensando na reflexão e significação deste projeto, sobretudo nas características presentes neste, ressalto o saber-fazer e como fazer da professora. Sintetizar e valorizar a cultura do alunado da classe de Educação de Jovens e Adultos é de certa forma, valorizar,

dialogar e trabalhar com amorosidade para com o processo educacional. Tal processo é pertinente e contributivo para a formação destes. Nas palavras de Paulo Freire (1987):

Educação é um ato de amor, sentimento em que homens e mulheres veem-se como seres inacabados e, portanto, receptivos para aprender, sendo que não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo (*apud* NASCIMENTO, 2004, p. 1).

O processo educacional conforme citado no decorrer deste, é estar pronto e suficientemente capaz para lidar com as situações cotidianas, por mais dificultosas que sejam. Paulo Freire afirma no trecho anterior que “Educação é um ato de amor”, e de fato somente professores com esta essência é que estará pronto para provocar e despertar sentido e significado aos estudantes, ou seja, encontrar suas origens, raízes e inseri-los no fazer educacional. E a partir deste diálogo é que questiono-me. Como o detentor do saber (professor) é capaz de não provocar seus alunos ao seu desenvolvimento pleno? Quais são os critérios básicos ou quais são os componentes mínimos curriculares que atribuem valor ao educando? E, porque, nos estudos interdisciplinares e multiculturais não atribuir significado aos estudos valorativos aos alunos?

Nas abordagens anteriores e citadas no trajeto deste trabalho, a professora reflexiva e detentora deste questionamento fez com que os muros da escola e a diversificação desses valores pudessem ultrapassar os limites dos cadernos, quadro-negro e explicações teóricas. As contribuições de este significativo valorizar o tempo do aluno trouxeram benefícios significativos para a comunidade, para a escola e os alunos (que até hoje falam sobre).

Não é difícil entender o aluno. Questões multiculturais e valorativas estão na capacidade de agir do professor. E dialogar de forma válida e compartilhada, entendendo como se dá o processo de valor. O pensar e o agir de caráter coeso, ético e partilhado é, sem dúvida, entender que o aluno está pronto para dialogar com os múltiplos interesses, onde o coletivo é fator imprescindível na construção e formação da cultura, da ética e de valores.

No desenvolver e questionar deste trabalho cultural, não posso deixar de ressaltar o valor e caráter significativo da compreensão e do trabalho de todos. Professores, alunos, gestores e a comunidade, num único pensamento reflatam sobre os valores e significados em que a escola deve atribuir. Saber da necessidade de sua clientela é possuir um trabalho árduo, contudo significativo e produtivo. Honrar com as organizações pedagógicas, currículo e projetos de formação de cultura é dispor de amor, de significação e contribuição para aqueles

que hoje precisam desta formação. Pois então, do que adianta formação continuada aos professores, se não para transformar o espaço escolar, num ambiente mais plural, cultural e participativo da comunidade escolar e social?

Além disso, se possuímos uma escola democrática, preocupado com os saberes e com a formação do alunado, como interagirmos e dialogarmos com os múltiplos saberes e culturas abordadas e entendidas na escola? Em resposta disso,

[...] é preciso que a escola progressista, democrática, alegre, capaz, repense toda essa questão das relações entre corpo consciente e mundo. Que reveja a questão a questão da compreensão do mundo, enquanto produzindo-se historicamente no mundo mesmo e também sendo produzida pelos corpos conscientes em suas interações com ele. Creio que desta compreensão resultará uma nova maneira de entender o que é ensinar, o que é aprender, o que é conhecer [...]. (FREIRE, 2001, p. 73)

Paulo Freire e Vigotski são teóricos que viveram em anos diferentes, situações diferentes e países conturbados. Independente do momento, ambos refletem uma teoria voltada para o povo. Desta forma, a educação é vista de modo horizontal, capaz de refletir sobre todos os indivíduos, atendendo as expectativas publicadas pelos autores. A capacidade e a estrutura de uma educação em que seus desejos e vivência sejam priorizados é, indubitavelmente, um dos pontos fortes e marcantes de ambas as teorias que refletem num modelo de escola democrática, que pense e atue pautados sobre os valores do cidadão que necessita do aprendizado. Pensar na escola é apropriar-se das necessidades e dos desejos das pessoas equiparados aquilo no qual os currículos orientam, tornando, verdadeiramente, uma escola no qual todos atuem e participem.

CONCLUSÕES

É evidente que o processo e o projeto de valorização e resgate de valores e memórias trouxeram significados para além do esperado. O reconhecimento e a importância deste projeto ressaltaram e deixaram marcas positivas neste processo e, deixou claro como deixamos de apresentar e trazer o educando para seu próprio mundo, ou seja, reconhecê-los enquanto sujeito de valores e princípios. Atribuir significado e sentido a isto não é deter de projetos caros (financeiramente), tampouco ter professores convidados como referência para mostrar como a participação do indivíduo é eficaz para a construção do saber. O importante saber construído é aquele internalizado pelo aluno o qual apropria-se do conhecimento,

integrando-o a sua formação (CAVALCANTI, 2005, p. 188). Este possível sucesso estendem-se às práticas educativas abordadas e exploradas também pelo profissional capaz de dinamizar e facilitar este processo: o professor, que, apesar das dificuldades enfrentadas, finalizou com maestria seu trabalho, reconhecendo que a relação professor-aluno, cultura local- práxis devem ser valorizadas diariamente. Assim, é importante salientar que,

A valorização da cultura do aluno é a chave para o processo de conscientização preconizado por Paulo Freire e está no âmago de seu método de alfabetização, formulado inicialmente para o ensino de adultos. Basicamente, o método propõe a identificação e catalogação das palavras-chave do vocabulário dos alunos - as chamadas palavras geradoras. Elas devem sugerir situações de vida comuns e significativas para os integrantes da comunidade em que se atua, como por exemplo "tijolo" para os operários da construção civil. Diante dos alunos, o professor mostrará lado a lado a palavra e a representação visual do objeto que ela designa. Os mecanismos de linguagem serão estudados depois do desdobramento em sílabas das palavras geradoras. O conjunto das palavras geradoras deve conter as diferentes possibilidades silábicas e permitir o estudo de todas as situações que possam ocorrer durante a leitura e a escrita. (FERRARI, 2008, p. 3)

Finalizo, ainda a questionar, o como e o porquê tais projetos e ampliação do conhecimento não são realizados ou transmitidos a todos, visto que projetos como este são simples, eficazes e garantem o conhecimento mútuo. Os valores somente serão transmitidos quando houver diálogo, amorosidade e a expropriação de muitas práticas antigas realizadas pelos professores. Métodos, infelizmente, ultrapassados, descontextualizados, longe da realidade dos alunos ainda rodeiam a sala de aula, caracterizando ainda como uma educação de qualidade. E pergunto: que educação estamos oferecendo aos nossos jovens e adultos? Ou melhor, até quando reconheceremos que todos nós somos carregados de sentidos e significados desde o ventre de nossas mães? São questões como estas que são constantes nas mentes dos profissionais da educação. Mas, como aplicar? Construa. Valorize e reconheça seu trabalho e transmita aos seus para que, certamente, sejam educandos mais saudáveis, cultural e socialmente mais desenvolvidos, tornando-o detentor e mestre de sua própria origem, de seu próprio conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, C. **A relação Professor x Aluno**. Disponível em: <<http://www.cintiabarreto.com.br/artigos/relacaoprofessoraluno.shtml>> Acesso em: jan. 2015.
- BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988.

_____. Ministério da Educação - MEC. **A arte na Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF, SEF, 2004.

CAVALCANTI, L. de S. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. In: **Cadernos CEDES**, V. 25, No 66, 2005.

FASHEH, M. Como erradicar o analfabetismo sem erradicar os analfabetos. **Revista Brasileira de Educação**. v.1, p.158-185, 2004

FERRARI, M. Paulo Freire, o mentor da educação para a consciência. **Revista Escola Abril**. v.1 p.1, 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/mentor-educacao-consciencia-423220.shtml?page=all>> Acesso em: abr. 2015.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar**. Rio de Janeiro, Olho d'água, 2001.

_____, **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 5ª Ed., Rio Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____, **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

_____, **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996

_____, **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 5ª Ed., Rio Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GALVÃO, A. M. O; de; DI PIERRO, M. C. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 55-70.

LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem: As últimas conferências de Lúria**. Editora: Artmed S.A, Rio de Janeiro, 2ª edição, 2010.

MARTIN, D. F. **A aprendizagem em Paulo Freire e Piaget**. Bauru, SP: UNESP, 2007. Disponível em: <<http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Daniele%20-%20Final.pdf>> Acesso em: mar. 2015.

MEHLECKE, Q. **As Teorias de Aprendizagem e os Recursos da Internet Auxiliando o Professor na Construção do Conhecimento**. Disponível em: <http://www.uel.br/seed/nite/as_teorias_de_aprendizagem_e_a_internet.htm> Acesso em: jan. 2015.

NASCIMENTO, L.A; AZEVEDO, G; GHIGGI, G. **O conceito de amorosidade em Freire e a recuperação do sentido de educar**. Disponível em: <coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/viii.../308> Acesso em: jan. 2015.

SCHROEDER, E. **Conceitos Espontâneos e Conceitos Científicos: O processo da Construção Conceitual em Vyogtsky.** In: Atos de Pesquisa em Educação – PPGE/ME FURB, v.2, n. 2, p.293-318, maio/agosto. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2007v2n2p293-318>> Acesso em: jan. 2015.

VYGOTSKY, L.S; LURIA, A.R; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo. 11 ed. Ícone.